

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Maio/2016 – Nº 36





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL Nº 36

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/GMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

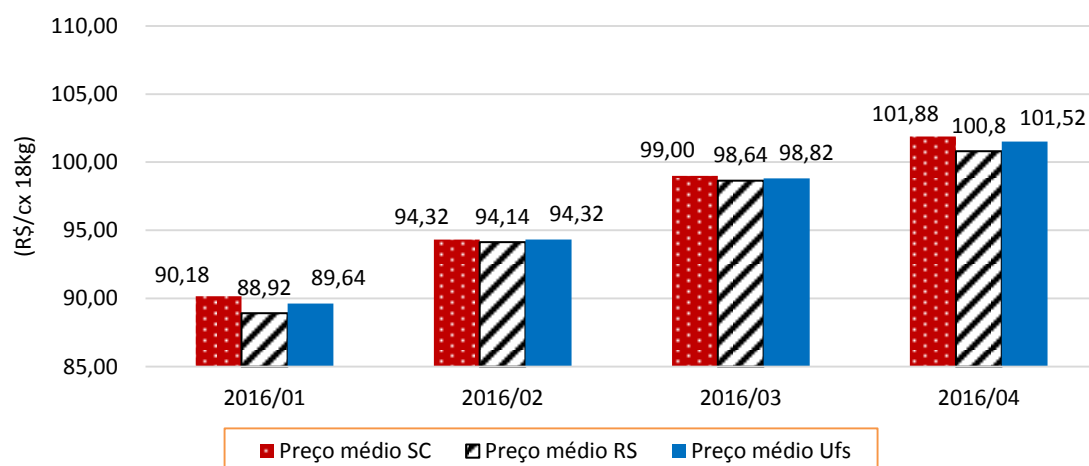
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	14
Milho.....	18
Avicultura.....	24
Bovinocultura	27
Suinocultura.....	29
Leite	32

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*) Cat. 1 = classificação vegetal para maçã referente a Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

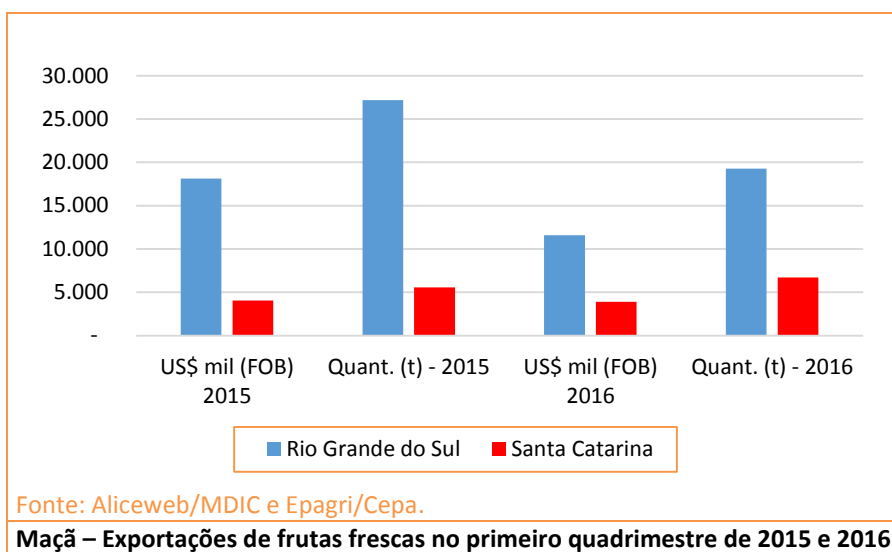
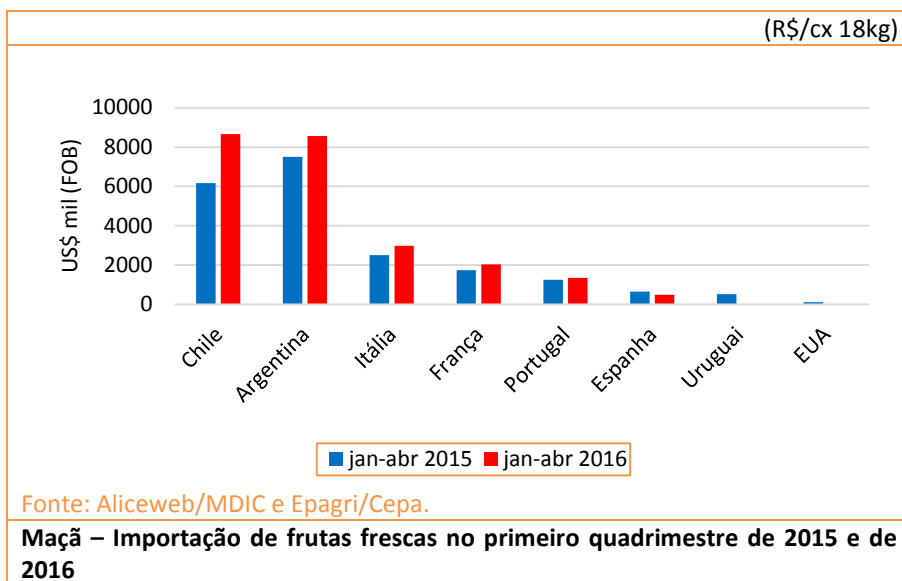
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã - Evolução do preço médio mensal na Ceagesp

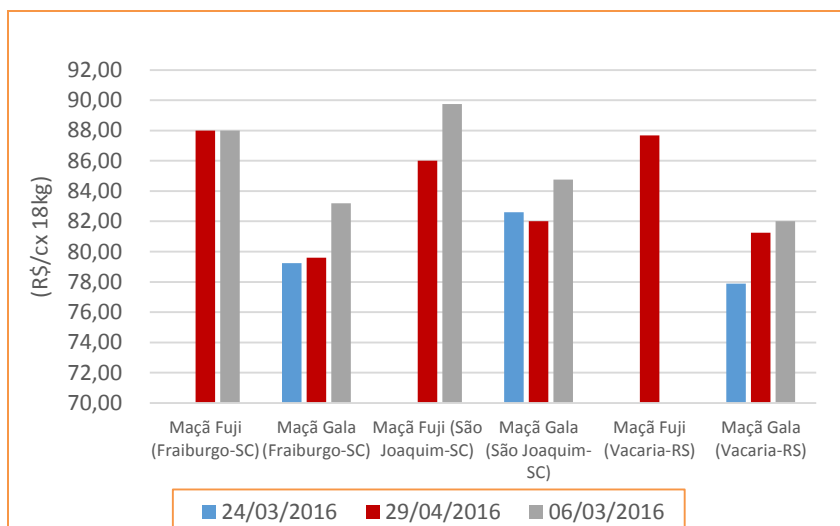
O preço mensal da fruta catarinense no atacado em 2016 está com cotações valorizadas em torno de 45% às obtidas no mesmo período de 2015. Com a menor oferta da maçã cat. 1 no mercado houve elevação nos seus preços médios. Por outro lado, pode-se estimar que o preço da maçã cat 2 está cerca de 30% mais baixo ao da maçã cat. 1, e ainda, as maçãs cat. 3 comercializadas com a indústria está com preço 60% mais baixo que a maçã cat. 1.

Na Ceagesp o volume negociado de maçãs catarinenses representou 59% do total, com mais de 17,9 mil toneladas só no entreposto paulistano. Em janeiro de 2016 o volume oriundo de Santa Catarina foi de 59% do total, em fevereiro 51%, março 62% e abril foi de 63%, ou seja, 5 mil toneladas das 8 mil negociadas no mês.

Mas houve aumento na demanda de maçãs importadas, o que pode influenciar o mercado interno, uma vez que as maçãs de atmosfera controlada (AC) só serão negociadas no segundo semestre e os estoques estão abaixo do esperado para o período.



Entre janeiro e abril de 2016 o volume exportado de maçã reduziu 21% em comparação ao mesmo período do ano anterior com diminuição de 30% no valor negociado. Os principais destinos da fruta fresca foram Bangladesh com 32%, Portugal com 13%, Países Baixos com 12% e Irlanda com 10%. O estado catarinense recebeu 25% do valor exportado de maçãs, ou seja, R\$3,9 milhões no quadrimestre de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo o preço recebido pelo produtor da Gala (cat. 1) valorizou com a oferta de frutas de melhor qualidade. A produção já está colhida na região.

Em São Joaquim, o preço da Gala (cat. 1) apresenta tendência de alta com a qualidade melhor da fruta. A maçã Fuji está valorizada devido à diminuição da oferta dessa categoria.

Em Vacaria/RS os preços da Gala estão com tendência de alta com maior oferta de cat. 1. Há diminuição no estoque de Fuji para o segundo semestre de 2016, com poucas frutas de qualidade para o mercado.

Maçã – Santa Catarina – Comparativo das safras 2014-15 e 2015-16

Principais MRG com cultivo de maçã	Safrá anterior (IBGE)			Inicial (IBGE)			Atual ⁽¹⁾ (Epagri/Cepa)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)
Joaçaba	3.698	140.192	37.910	3.532	85.590	24.233	3.284	119.163	36.288
Canoinhas	175	4.665	26.657	143	2.900	20.280	162	4.768	29.389
Curitibanos	1.088	41.656	38.287	1.071	29.622	27.658	1.007	38.698	38.411
Campos de Lages	12.634	427.175	33.812	12.159	383.716	31.558	11.939	389.584	32.631
Outras	9	140	15.556	11	85	7.727	7	46	6.272
Total	17.604	613.828	34.869	16.916	501.913	29.671	16.407	552.445	33.671

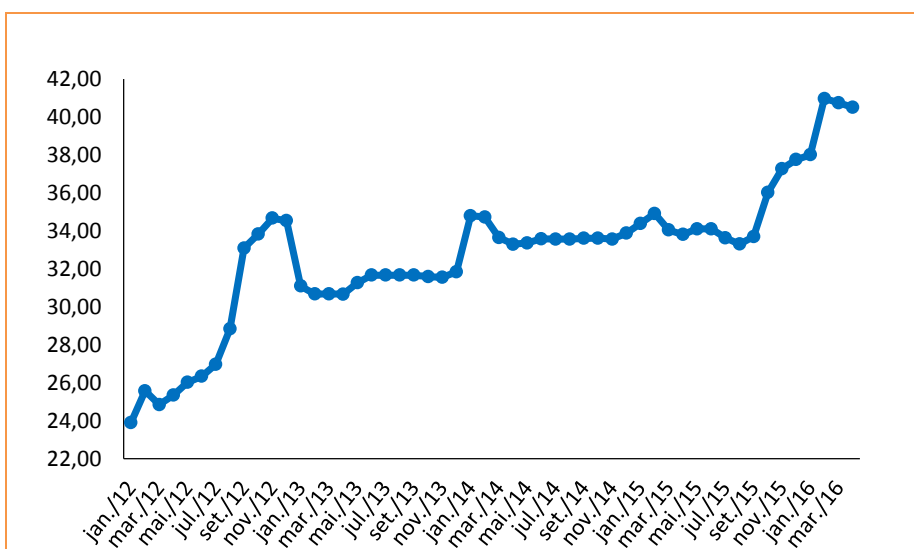
⁽¹⁾ Na estimativa são consideradas as perdas do segundo semestre de 2015.

Fonte: CGEA/LSPA/IBGE de março de 2016 e Epagri-Cepa⁽¹⁾.

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
gluciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal em Santa Catarina (Jan./2012 a Abr./2016) – R\$/sc 50kg

Os preços médios mensais ao produtor de Santa Catarina em abril de 2016 foram cerca de 20% maiores em relação ao mesmo mês de 2015 e 0,59% menores em relação à março de 2016. Apesar do bom momento vivido pelos produtores de arroz em Santa Catarina, o mercado começa a dar sinais de redução dos preços. Esse comportamento é esperado em função do padrão sazonal seguido pelos preços no Estado. Os produtores que conseguiram acessar o mercado nesse momento de preços bons teve boa parte dos seus

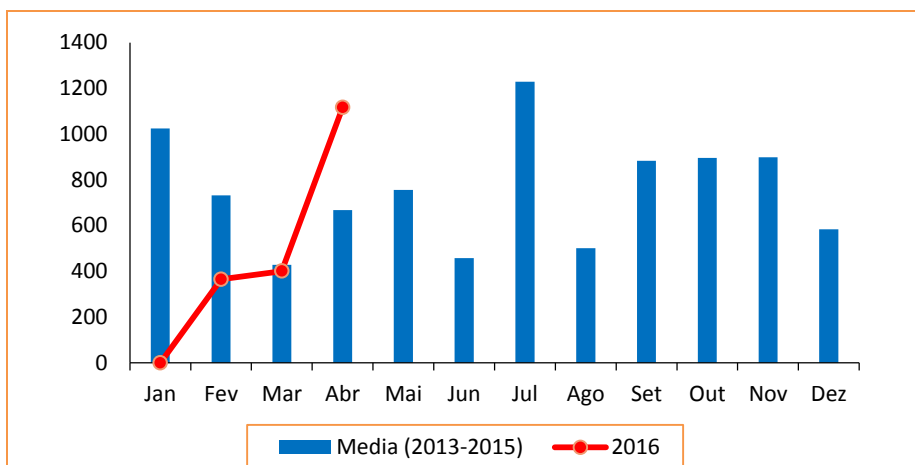
custos cobertos e possivelmente aumento da margem. Os custos na safra, no entanto, foram maiores pela necessidade de replantio, ocorrência de pragas e doenças, redução da produtividade, entre outros, que na média não permitiram ganhos expressivos.

Arroz Irrigado – Santa Catarina – Custo de produção, preço médio e margem – 2013/14 a 2015/16

Safra	Preço médio	Custo variável	Custo total	Margem (curto prazo)	Margem final
2013/14	33,65	22,46	36,81	11,19	-3,16
2014/15	34,04	33,82	40,68	0,22	-6,64
2015/16	40,74	37,41	44,63	3,33	-3,89

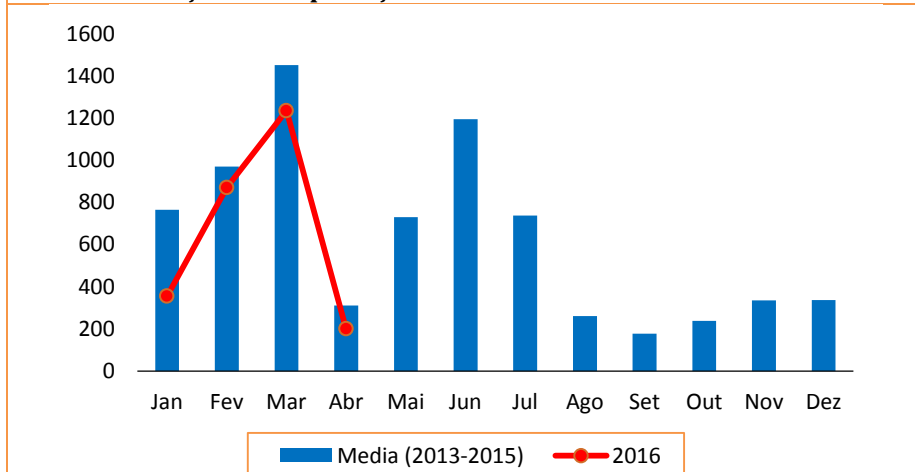
Fonte: Epagri/Cepa.

A comparação entre o custo de produção e os preços médios praticados no Estado mostra que no curto prazo o produtor permanece na atividade, pois consegue cobrir os custos variáveis de produção. No longo prazo, porém, o produtor opera no prejuízo e não tem incentivos a permanecer no mercado. A consequência é a saída de produtores pequenos do mercado. Embora esse cenário pareça pessimista, o produtor eficiente técnica e economicamente na produção do grão tende a ser beneficiado no longo prazo, onde haverá concentração da produção e tendência de que o preço se valorize.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz – Evolução das exportações anuais de Santa Catarina – 2013-16

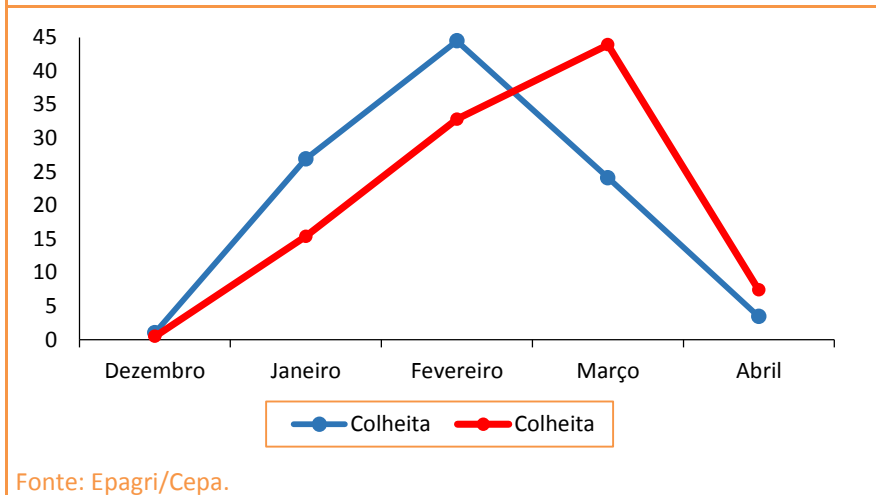
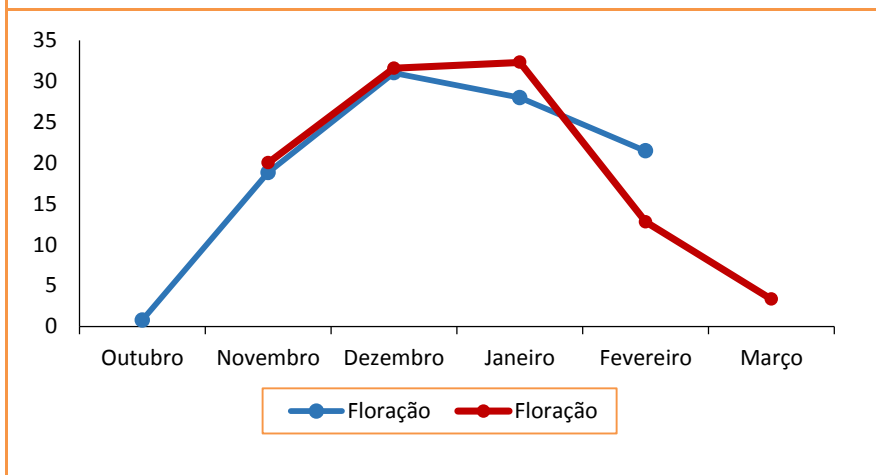
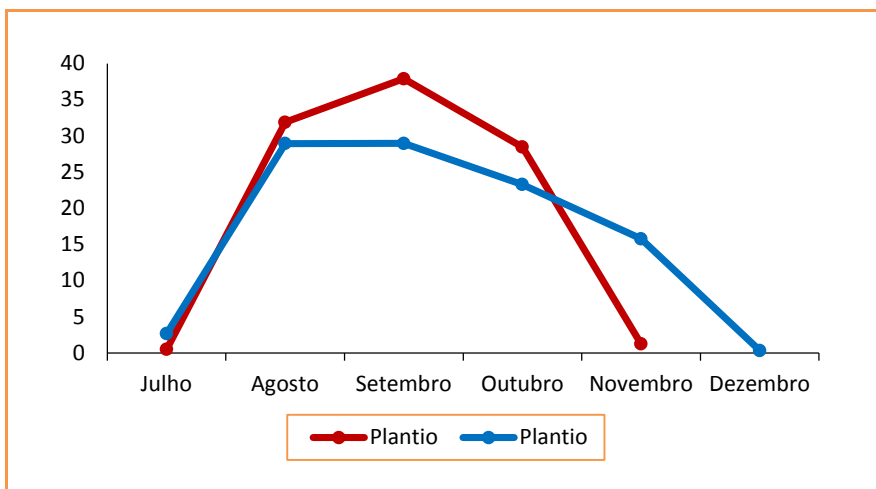


Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz – Evolução das importações anuais de Santa Catarina – 2013-16

No que se refere ao mercado externo, observa-se que o câmbio favorável e a frustração de safra observada no Rio Grande do Sul e em outros países fizeram com que as exportações catarinenses de arroz em abril fossem superiores à média histórica, apesar de inferiores ao total exportado nesse mesmo período de 2015. Entre os principais destinos estão a África do Sul (37,09%), Canadá (14,37%) e Trinidad e Tobago (13,38). No lado das importações, que originam principalmente do Uruguai (80,95%), Paraguai (13,44%) e Itália (5,44%), e apresentaram redução significativa em relação a março, como era esperado. É que a entrada do grão colhido no mercado reduz a necessidade de abastecimento externo. A taxa de câmbio favorável tende a influenciar os produtores a enviar produto para o mercado externo,

porém o custo elevado e a baixa capacidade logística tendem a dificultar as exportações. Além disso, os preços internos elevados devem atrair a atenção dos produtores.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz – Comparativo das fases fenológicas da cultura nas safras 2014/15 e 2015/16

A safra do arroz irrigado em Santa Catarina apresentou atrasos em relação à safra anterior. Tais atrasos decorreram do excesso de chuva observado em setembro e outubro que dificultaram o plantio em diversas regiões e exigiram em algumas replantio, culminando em atrasos na floração e na colheita. Esse atraso tem reflexos diretos nos preços internos, haja vista que é observada menor oferta do grão em um período em que já era esperado maior volume disponível no mercado. O resultado são preços elevados em relação à última safra. Apesar dos eventos extremos observados no estado pela ação do El Niño, que inicialmente apontavam para uma situação catastrófica para a safra, os resultados apresentados deram conta de que a quebra de safra obtida no Estado representou 0,84% da produção esperada. A principal explicação é que nas regiões de produção mais expressiva, como Araranguá e Tubarão, a produção observada foi superior à ocorrida na última safra. Embora regiões como Rio do Sul, Joinville e Criciúma, importantes produtores, tenham sofrido grandes perdas na safra, os ganhos observados nas regiões supracitadas fizeram com que na média do Estado a redução da expectativa de safra fosse pequena.

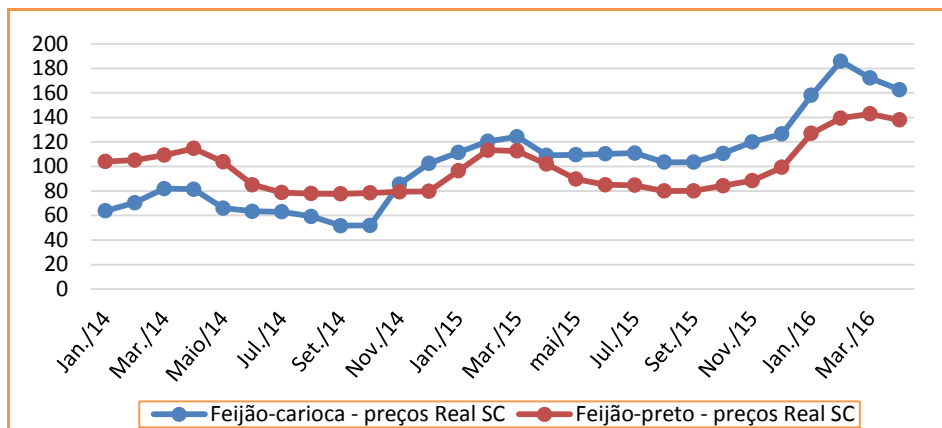
Arroz Irrigado – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa inicial Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. mé- dio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	147.338	1.078.070	7.317	-0.53	-0.84	-0.31
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.978	7.061	-0.50	1.03	1.53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	19.736	166.576	8.440	-0.38	5.77	6.17
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.911	149.118	7.131	-1.68	-3.05	-1.40
Joinville	19.811	157.487	7.949	20.773	145.947	7.026	-0.46	-2.53	-2.08
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.684	77.324	7.237	-1.06	-13.09	-12.16
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.261	68.561	7.403	-0.24	-3.95	-3.73
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.379	67.138	8.013	1.75	2.34	0.59
Tijucas	2.690	20.300	7.546	3.095	17.336	5.601	0.00	0.00	0.00
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	2.690	20.300	7.546	-0.48	0.00	0.48
Tabuleiro	146	1.238	8.479	259	1.554	6.000	0.00	0.00	0.00
Ituporanga	259	2.072	8.000	146	1.238	8.479	0.00	-25.00	-25.00

Fonte: Epaagri/Cepa.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI – mar./2016 base 100.

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio real mensal ao produtor do feijão-carioca e preto – SC (jan./2014 a abr./2016)

No mês de abril, o preço médio estadual do feijão-preto e do feijão-carioca pago ao produtor tiveram queda: o feijão-carioca apresentou redução de 12,92% e o preto queda de 3,42%. Regionalmente o preço se comportou diferente, com destaque para a microrregião de Curitiba, principal região produtora de feijão do estado. Nessa região onde a colheita ocorre mais tarde, em

março a saca de 60kg do feijão-carioca foi comercializada a R\$194,29, já em abril passou para R\$205,26, aumento de 5,64%. No mercado atacadista, o preço segue firme, na microrregião de Curitiba, a saca de 60kg do feijão-carioca vem sendo comercializado a R\$235,26 e do feijão-preto a R\$160,63. Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), estado de destino de boa parte da produção catarinense, no dia 29/04 o feijão-carioca (nota 9) foi cotado a R\$255,00 com mercado firme, e o preto (extra) a R\$177,50, a saca de 60kg com mercado estável.

Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) mar./2016	Preço (R\$) abr./2016	Varição mensal (%)
Santa Catarina	186,67	162,56	-12,92
Paraná	186,44	198,29	6,36
Minas Gerais	218,33	230,29	5,48
São Paulo	175,10	170,00	-2,91
Bahia	203,75	244,00	19,75
Goiás	201,80	231,17	14,55

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

O preço do feijão-carioca teve uma variação positiva no preço pago ao produtor na maioria dos principais estados produtores. Na comparação entre os meses de março e abril, os estados de Santa Catarina e São Paulo apresentaram queda nos preços. Nos estados de Goiás, Bahia, Minas Gerais e Paraná, que já estão colheitando a segunda safra (safra da seca), os preços seguem firmes

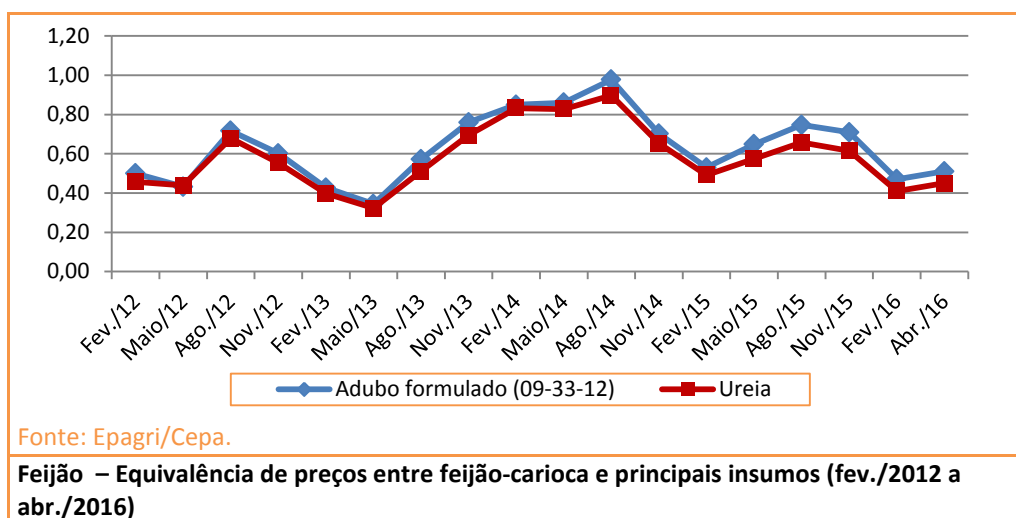
Feijão-preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) mar./2016	Preço (R\$) abr./2016	Varição mensal (%)
Santa Catarina	142,81	137,93	-3,42
Espírito Santo	160,00	167,00	4,38
Goiás	166,56	162,25	-2,59
Paraná	146,76	147,71	0,65
Rio de Janeiro	185,00	185,00	0,00
Rio G. do Sul	156,01	152,31	-2,37

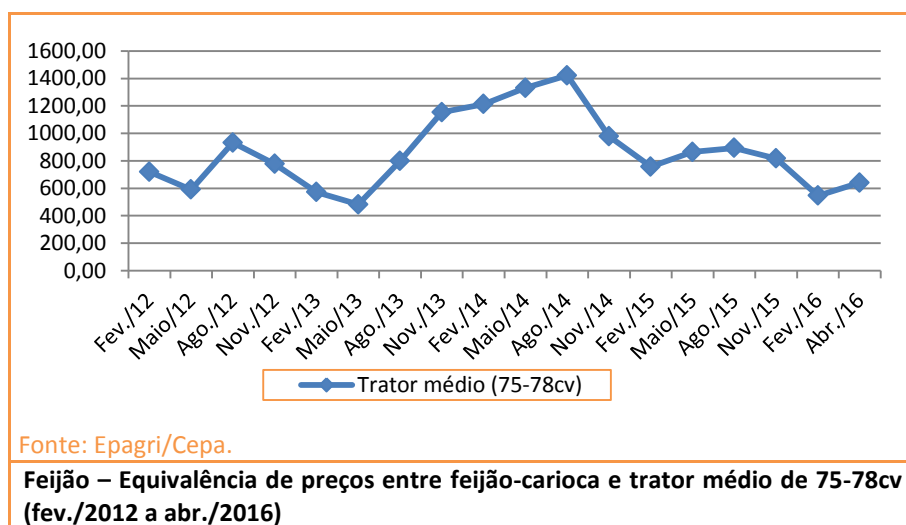
Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

No mesmo período, em Santa Catarina os preços do feijão-preto caíram em média 3,42%. Já no Paraná, Espírito Santo e Paraná, os preços se nativeram firmes.

A relação de troca entre o preço recebido pelos produtores pela saca de 60kg de feijão-carioca e dois dos principais insumos que compõem o custo de produção da cultura, nos dá uma boa ideia de como vem se comportando a rentabilidade da atividade. No mês de novembro de 2015,



para adquirir uma saca de 50kg do adubo formulado (09-33-12) o produtor teve que desembolsar o equivalente a 0,71 saca de 60kg de feijão, já em abril de 2016, a mesma saca de adubo custou o equivalente a 0,51 saca de feijão. Já a uréia, um fertilizante nitrogenado, em novembro de 2015 a saca de uréia custou o equivalente 0,62 saca de feijão, enquanto que em abril de 2016 a mesma saca custou 0,45 saca de feijão-carioca. Os bons preços praticados para o feijão nesta safra têm contribuído para essa relação de compra favorável ao produtor.



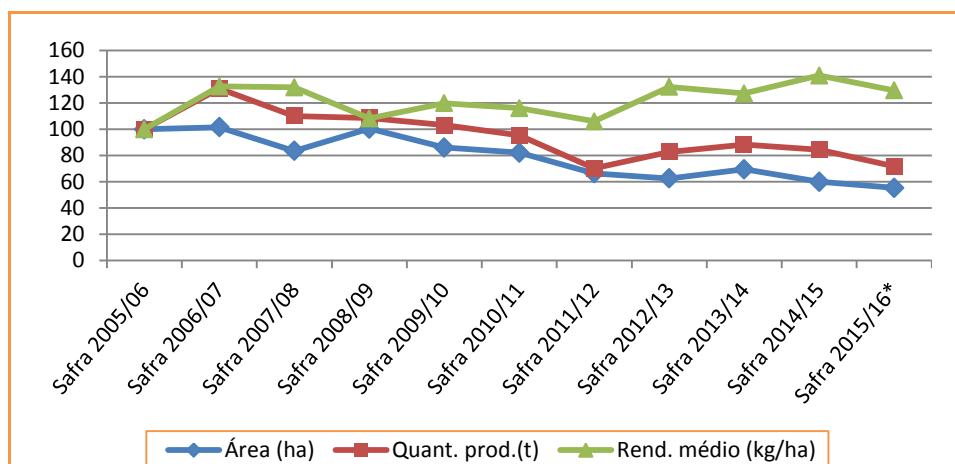
A equivalência de troca entre a saca de feijão e um trator médio (75 a 78cv) em novembro de 2015 foi de 816,14 sacas de 60kg de feijão-carioca. O mesmo trator em abril de 2016 poderia ser adquirido por 640,88 sacas de feijão-carioca.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2014/15 e 2015/16 (estimativa)

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa - safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	1.007,00	955,50	948,86	771,00	794,10	1.029,96	-23,44	-16,89	8,55
Blumenau	67,00	65,00	970,15	67,00	65,00	970,15	0,00	0,00	0,00
Canoinhas	2.090,00	4.074,00	1.949,28	4.250,00	7.581,00	1.783,76	103,35	86,08	-8,49
Chapecó	3.431,00	5.422,40	1.580,41	3.321,00	5.339,10	1.607,68	-3,21	-1,54	1,73
Concórdia	84,00	101,00	1.202,38	84,00	101,00	1.202,38	0,00	0,00	0,00
Criciúma	2.841,00	2.978,00	1.048,22	3.048,00	3.741,60	1.227,56	7,29	25,64	17,11
Itajaí	5,00	9,00	1.800,00	5,00	6,00	1.200,00	0,00	-33,33	-33,33
Ituporanga	1.525,00	2.501,00	1.640,00	1.405,00	2.298,00	1.635,59	-7,87	-8,12	-0,27
Rio do Sul	1.441,00	2.315,00	1.606,52	769,00	1.121,00	1.457,74	-46,63	-51,58	-9,26
São Bento do Sul	10,00	15,00	1.500,00	80,00	96,00	1.200,00	700,00	540,00	-20,00
São M. do Oeste	1.810,00	2.835,00	1.566,30	1.085,00	1.631,00	1.503,23	-40,06	-42,47	-4,03
Tabuleiro	50,00	50,00	1.000,00	50,00	50,00	1.000,00	0,00	0,00	0,00
Tijucas	254,00	350,00	1.377,95	254,00	399,00	1.570,87	0,00	14,00	14,00
Tubarão	2.266,00	2.584,00	1.140,34	1.591,00	1.858,20	1.167,94	-29,79	-28,09	2,42
Xanxerê	9.120,00	18.936,00	2.076,32	7.750,00	13.829,00	1.784,39	-15,02	-26,97	-14,06
Santa Catarina	25.625,00	42.716,90	1.667,00	24.154,00	38.390,00	1.589,38	-5,74	-10,13	-4,66

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (mar./2016).

Com a colheita do feijão 1ª safra 2015/16 encerrada em praticamente todo Estado, estamos divulgando as estimativas atuais para o feijão 2ª safra 2015/16. Em praticamente todo o território catarinense o feijão já atingiu a fase de florescimento e a cultura está em fase de enchimento de grãos na maioria das regiões. As recentes frentes frias têm prejudicado esta fase do desenvolvimento da cultura, pois com o frio a planta praticamente para de se desenvolver, prejudicando o desenvolvimento da lavoura. Essa situação preocupa produtores, mas ainda não temos informações de possíveis perdas em produção ou rendimento. Para a segunda safra de feijão no Estado, estima-se uma redução na área plantada na ordem de 5,7%, com perdas em produção de cerca de 10,1%. Com isso, a redução no rendimento médio esperado, quando comparado com a safra passada, é de aproximadamente 4,6%.



Nota: safra 2005/2006 – base 100.

(*) Estimativa safra 2015/2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

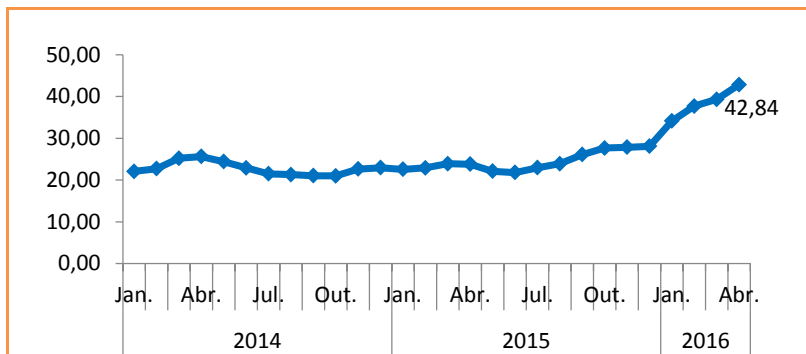
Feijão – Evolução da área cultivada, quantidade produzida e produtividade do feijão total em Santa Catarina - Safra 2005/06 a 2015/16

Nos últimos 10 anos a cultura do feijão em Santa Catarina sofreu grandes transformações. Tais mudanças podem ser atribuídas a fatores que, em maior ou menos grau, contribuíram para a realidade que hoje vivenciamos. Um dos fatores que contribuíram para a redução da importância da cultura do feijão no Estado diz respeito à substituição, por parte dos agricultores, da cultura do feijão pelas culturas

de milho e soja, outras culturas atualmente mais rentáveis e produtos de maior liquidez. Outro aspecto são as mudanças climáticas. Nas últimas décadas a instabilidade climática, ao longo do ano e entre os anos, tem dificultado os cultivos de feijão. Além de ser planta muito sensível ao excesso de chuvas e de calor e/ou frio, o feijão é sujeito ao ataque de pragas e doenças, o que leva muitos produtores a abandonarem a atividade. Em números, no período analisado a área plantada passou de 128.510ha para 71.095ha, redução de cerca de 44%. Já a produção passou de 164.242t para 117.778t, diminuição de 28%. Nesse período, houve também o aprimoramento genético com a seleção de variedades mais produtivas e a intensificação do uso de insumos, fatores que propiciaram o aumento no rendimento médio da cultura, passado de 1.278kg/ha para 1.657kg/ha, um aumento de aproximadamente 30%.

Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

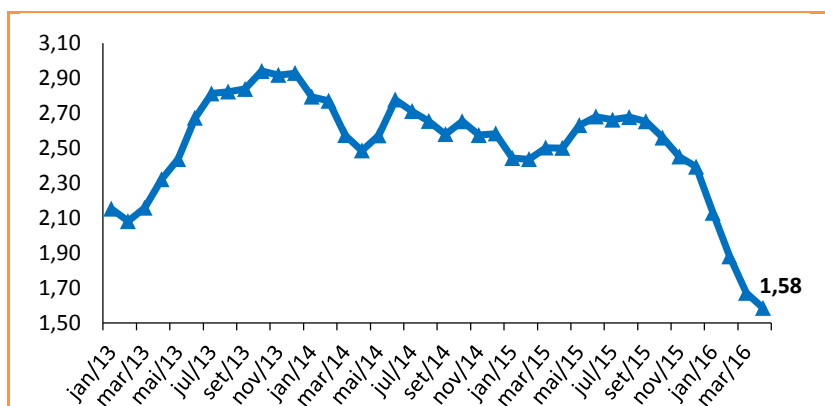


Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina

Desde meados de outubro de 2015 os preços médios do milho tem apresentado comportamento crescente. Embora essa tendência fosse clara desde aquele mês, foi a partir de janeiro de 2016 que o aumento dos preços se mostrou mais expressivo. A alta do dólar, que impulsionou os produtores para o mercado externo e reduziu a oferta interna, e também o comportamento sazonal esperado dos preços do grão nesse período no Estado, foram determinantes para que preços

atingissem a marca de R\$42,84 por saca de 60kg em abril de 2016. A colheita de milho 1ª safra praticamente finalizada, o avanço do plantio da 2ª safra no Estado e o aumento da projeção de área e produção do grão nos principais produtores mundiais exercem pressão baixista no preço do grão. No entanto, a frustração da safra nacional do cereal e a instabilidade política, que mantém o dólar em alta, não alentam os produtores de suínos e aves que veem seus custos aumentados. Para eles, resta esperar que a segunda safra nacional ocorra de acordo com as previsões e consigam reduzir os preços. Para os produtores de milho do Estado, que vivem uma das melhores fases dos últimos anos, resta a esperança de que os preços continuem em alta e que o clima permita que a segunda safra seja significativa para que suas margens sejam aumentadas. Os relatórios atuais têm revisado as produtividades do grão para baixo em algumas regiões de Santa Catarina em função, principalmente, do excesso de chuvas no período de semeadura e desenvolvimento da cultura, o que reforça a tendência de elevação dos preços.



Fonte: Epagri/Cepa.

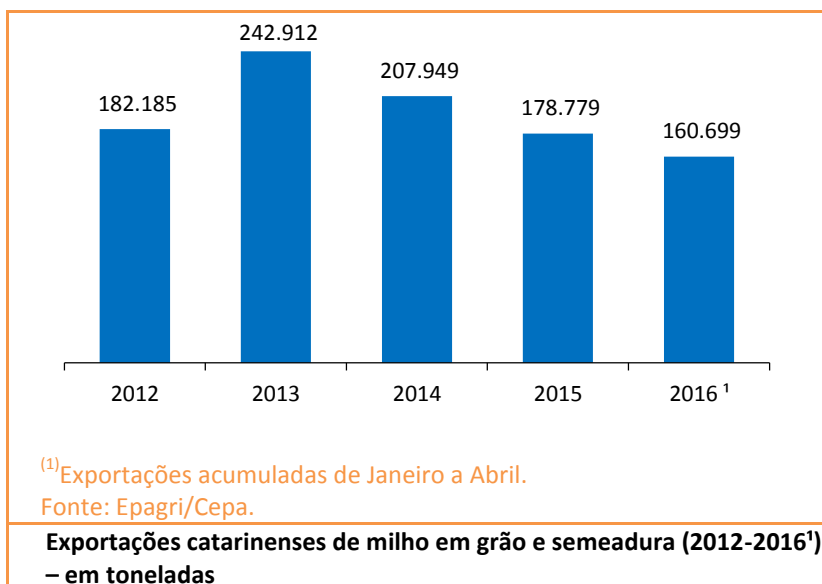
Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

Comparativamente aos preços da soja, em abril os preços da saca de milho no Estado aumentaram a uma taxa maior. Enquanto os preços da soja valorizaram cerca de 3% em relação a maio, os preços de milho aumentaram aproximadamente 9%. Essa combinação resultou em uma relação de preços dos dois grãos favorável ao produtor de milho, equivalente a 1,58. Esse comportamento tem sido observado desde janeiro deste ano. Apesar disso, como a soja tem maior liquidez

em relação ao milho e os seus preços já começam a mostrar comportamento crescente no mercado, a substituição de áreas de milho por soja deve continuar sendo observada no Estado. No entanto, pelo bom momento vivido pelo produtor de milho, é possível que para a próxima safra a conversão de áreas não seja

tão significativa como observado nas duas últimas safras, se mantida essa relação de trocas favorável ao produtor de milho até o período de plantio da safra 2016/17.

As exportações do milho catarinense em 2016 devem superar a média histórica de 2012 a 2015. A alta do dólar, que já era esperada, levou o produtor a exportar grande parte da produção, o que resultou em aproximadamente 161 mil toneladas exportadas até abril deste ano, equivalente a 25 milhões de US\$ FOB. Com a finalização da colheita e a atratividade dos preços internos, os próximos meses tendem a apresentar redução no volume exportado, o que não impedirá que o volume exportado ultrapasse a média dos anos anteriores. Os principais destinos do grão são Malásia, Indonésia e Vietnã, que representam juntos cerca de 57% das exportações catarinenses do grão.



Milho 1ª safra – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16

Microrregião	Safr 2014/15 (1ª safra)			Estimativa atual Safr 2015/16 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	365.982	2.859.716	7.814	-9,54	-8,99	0,61
Chapecó	62.565	488.926	7.815	61.090	482.030	7.890	-2,36	-1,41	0,97
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.242	465.518	8.427	-12,14	-12,35	-0,24
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	39.050	302.220	7.739	-16,74	-9,26	8,98
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00
Concórdia	33.750	232.006	6.874	32.190	223.074	6.930	-4,62	-3,85	0,81
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	278.260	9.123	-21,79	-24,24	-3,13
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	27.610	325.278	11.781	-11,36	13,47	28,02
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.151	217.198	9.805	-18,74	-19,66	-1,14
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.882	5.752	-14,95	-20,91	-7,00
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	32.056	3.180	-11,50	-59,67	-54,43
Araranguá	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	46.900	8.527	-8,33	-8,20	0,14
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81
Outros	8.281	31.196	3.767	8.281	31.196	3.767	0,00	0,00	0,00

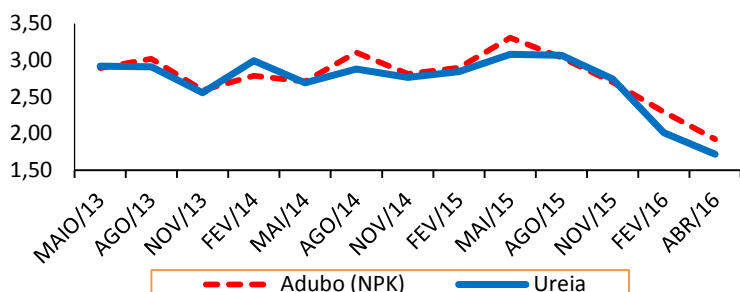
Fonte: Epagri/Cepa.

Milho 2ª safra – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16

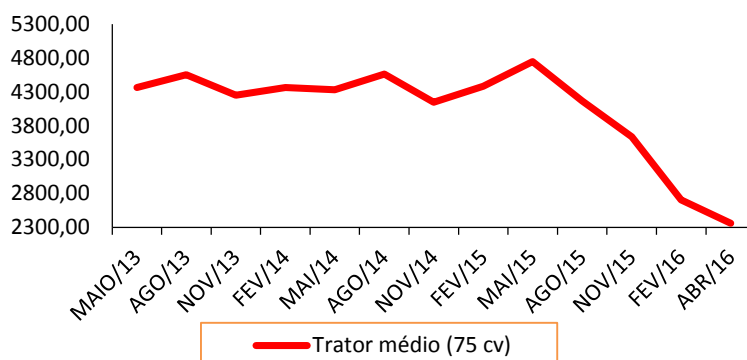
Microrregião	Safra 2014/15 (2ª safra)			Estimativa inicial Safra 2015/16 (2ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	12472	65998	5292	18200	223637	12288	45,93	238,85	132,21
São Miguel do Oeste	6200	32010	5163	5490	29532	5379	-11,45	-7,74	4,19
Chapecó	3100	16465	5311	5400	34859	6455	74,19	111,72	21,54
Canoinhas				3800	139750	36776			
Tubarão	842	4578	5437	1061	6271	5910	26,01	36,98	8,70
Araranguá	801	4122	5146	1025	5317	5188	27,97	29,00	0,81
Criciúma	704	3873	5501	999	5838	5844	41,90	50,74	6,22
Concórdia				400	1920	4800			
Xanxerê	825	4950	6000	25	150	6000	-96,97	-96,97	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

A primeira safra de milho no Estado está praticamente toda colhida. Os relatórios apontam para uma área equivalente a aproximados 366 mil hectares e uma produção de 2,8 milhões de toneladas do grão. O mau tempo no período de semeadura e desenvolvimento da cultura resultou em redução da produtividade esperada para o grão em algumas regiões. Para a segunda safra, que já está quase totalmente semeada nas regiões produtoras, a expectativa inicial é que a área represente cerca de 5% da área da primeira safra (9 mil hectares) e atinja uma produção de 55 mil toneladas, que representa 8% do total obtido na primeira safra.



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para compra de fertilizantes


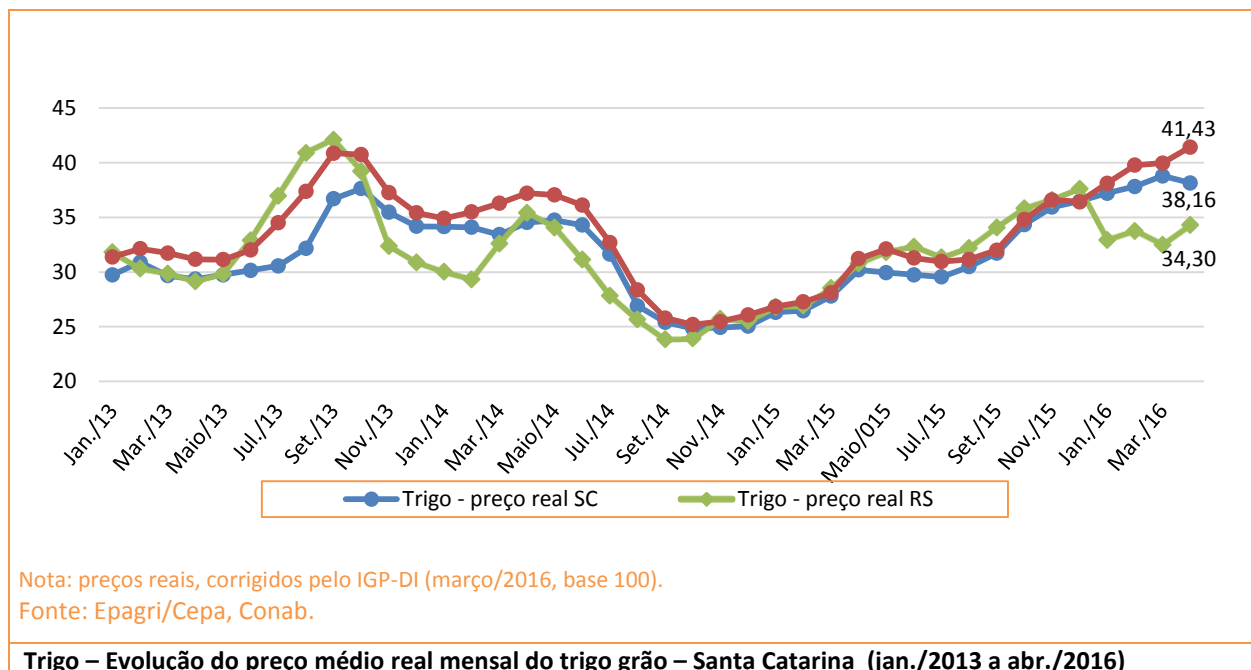
Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para comprar um trator médio

A aquisição de fertilizantes por parte dos produtores de milho ficou mais barata em abril de 2016, sendo necessárias cerca de 1,93sc de milho para adquirir 50kg de adubo NPK e 1,72sc de milho para adquirir 50kg de ureia. A aquisição de um trator médio também ficou mais barata. Em abril de 2016 foram necessárias 2.358 sacas de milho para adquirir um trator médio em Santa Catarina. A alta nos preços da saca de milho é uma das principais causas do aumento do poder de compra do produtor.

Trigo

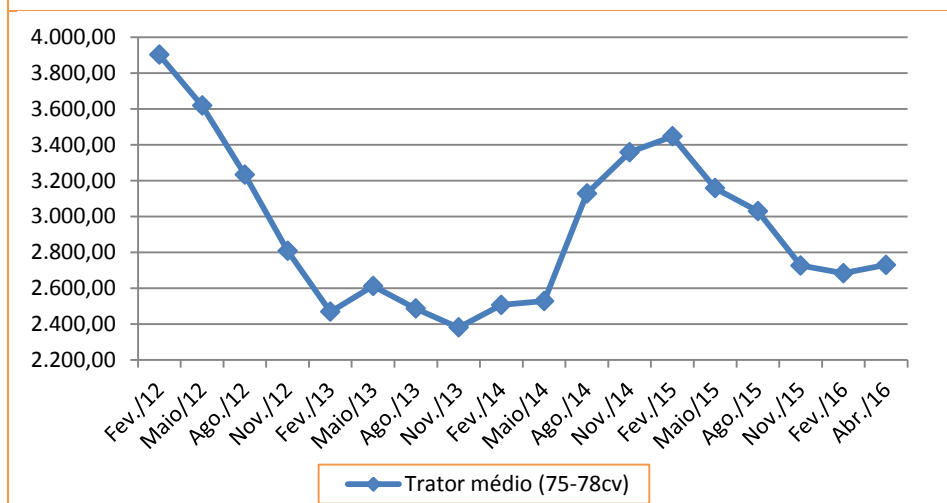
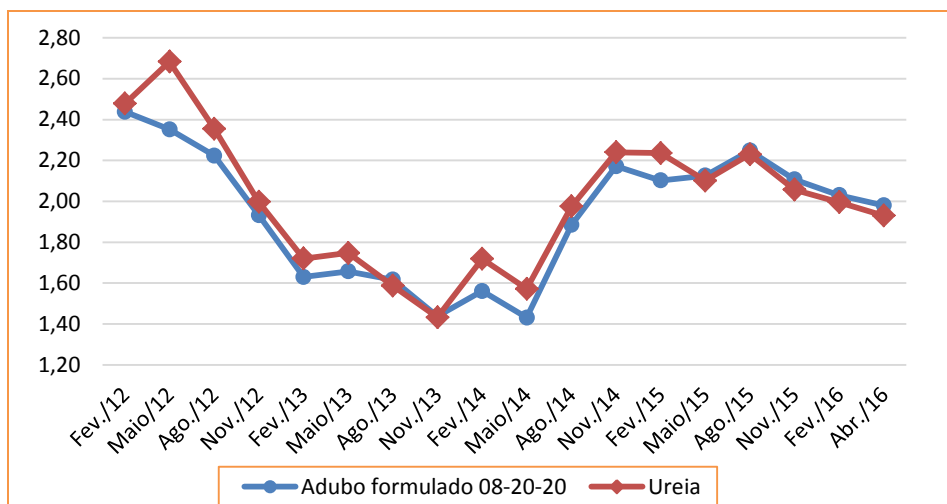
João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



No mês de abril, os preços médios do trigo grão disponível para ser comercializado em Santa Catarina tiveram redução na ordem de 1,65%, passando de R\$38,80 para R\$36,16 a saca de 60kg. Na comparação com o Preço Mínimo de Garantia do Governo Federal (R\$34,98) a diferença está em 3,37%. No Paraná, para o mesmo período, a saca de 60kg do grão passou de R\$39,97 para R\$41,43, alta de 3,65%. No Rio Grande do Sul, a alta foi de 5,53% e a saca de 60kg passou de R\$32,50 para R\$34,30. Cabe destacar que, apesar dos preços estarem se mantendo em alta, há uma grande pressão sobre os moinhos, que não estão conseguindo repassar os preços para as indústrias. Os negócios entre produtores (cooperativas) e moinhos estão sendo fechados com extensão nos prazos de pagamento, o que de certa forma é arriscado, sobretudo em tempos de economia instável. Por outro lado, as indústrias alegam que não conseguem repassar os aumentos da matéria-prima para o consumidor final e, por isso, a crise nos engenhos de farinha já está preocupando o setor. Outro aspecto que tem mantido os preços do trigo grão em alta é o fato do trigo concorrer com o milho na formulação de rações, pois as fábricas de ração estão oferecendo preços idênticos aos dos moinhos para o trigo de menor qualidade disponível no mercado de lotes.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2015/16 – R\$/saca de 60kg			
Estado	Março/2016	Abril/2016	Variação (%)
Santa Catarina	38,80	38,16	-1,65
Rio Grande do Sul	32,50	34,30	5,53
Paraná	39,97	41,43	3,65

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Equivalência de preços entre trigo grão e principais insumos (fev./2012 a abr./2016)

trator médio (75 a 78cv), em agosto de 2015, seriam necessárias 2.726,96 sacas de 60kg de trigo grão; já em abril de 2016, para adquirir o mesmo trator o produtor necessitaria desembolsar o equivalente a 2.730,14 sacas de 60kg de trigo grão.

No último mês foi possível constatar modesta queda no preço de dois dos principais insumos utilizados na produção de trigo. Na comparação com o último período de apuração dos preços de insumos, que foi fevereiro de 2016, a queda nos preços foi de 2,28%. Em abril o preço médio da saca de 50kg do adubo formulado (08-20-20) ficou em R\$75,42, em fevereiro era de R\$77,14. Analisando a relação de equivalência “insumo x produto”, para adquirir uma saca de 50kg de ureia em agosto de 2015, o produtor necessitava desembolsar o valor equivalente a 2,23 sacas de 60kg de trigo grão; já em abril de 2016, a relação de troca foi de 1,98 sacas de trigo grão para cada saca de ureia.

Com relação a tratores, tomando como base um

Trigo Grão – Comparativo de safra 2014/15 e 2015/16 - Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa - Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30,00	54,00	1.800,00	30,00	54,00	1.800,00	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	1.600,00	4.520,00	2.825,00	1.600,00	4.520,00	2.825,00	0,00	0,00	0,00
Canoinhas	19.450,00	61.766,00	3.175,63	17.380,00	26.874,00	1.546,26	-10,64	-56,49	-51,31
Chapecó	19.495,00	52.075,00	2.671,20	18.300,00	41.504,10	2.267,98	-6,13	-20,30	-15,09
Concórdia	656,00	1.715,50	2.615,09	768,40	2.030,60	2.642,63	17,13	18,37	1,05
Curitibanos	13.375,00	46.644,00	3.487,40	11.375,00	25.080,00	2.204,84	-14,95	-46,23	-36,78
Ituporanga	1.520,00	3.261,00	2.145,39	1.655,00	876,00	529,31	8,88	-73,14	-75,33
Joaçaba	6.465,00	21.858,00	3.380,97	6.505,00	14.148,00	2.174,94	0,62	-35,27	-35,67
Rio do Sul	494,00	1.022,00	2.068,83	630,00	659,00	1.046,03	27,53	-35,52	-49,44
São Bento do Sul	200,00	621,00	3.105,00	220,00	396,00	1.800,00	10,00	-36,23	-42,03
São M. do Oeste	6.780,00	16.405,00	2.419,62	5.050,00	9.073,15	1.796,66	-25,52	-44,69	-25,75
Tijucas	48,00	96,00	2.000,00	48,00	5,00	104,17	0,00	-94,79	-94,79
Xanxerê	24.545,00	83.281,00	3.392,99	15.765,00	42.098,00	2.670,35	-35,77	-49,45	-21,30
Santa Catarina	94.658,00	293.318,50	3.098,72	77.033,40	165.783,85	2.152,10	-18,62	-43,48	-30,55

Fonte: Epagri/Cepa (mar./16 - estimativa final).

Com a safra 2015/16 de trigo grão encerrada, as atenções agora se voltam para a safra 2016/17. Em Santa Catarina, com o término da colheita da soja, espera-se que os produtores comecem a se preparar para a safra de inverno com a compra de sementes e insumos e preparação das áreas de plantio. Com a proximidade da época de semeadura, a expectativa é de que as condições climáticas sejam favoráveis ao produtor de trigo. Segundo previsões do Epagri/Ciram, a primeira quinzena de maio será caracterizada por tempo mais fechado em SC, com predomínio de nuvens na maior parte dos dias em todo o Estado. Chuvas mais significativas deverão ocorrer a partir da segunda quinzena de maio devido à passagem de frentes frias, mas sem indicativo de volumes excessivos. A partir dos dias 17 e 18 de maio, é esperada uma queda acentuada na temperatura devido ao avanço de uma massa de ar frio para a Região Sul do País. Pelo que tudo indica, o produtor terá clima favorável para o plantio, que iniciam em meados de maio e se intensificam entre junho e julho.

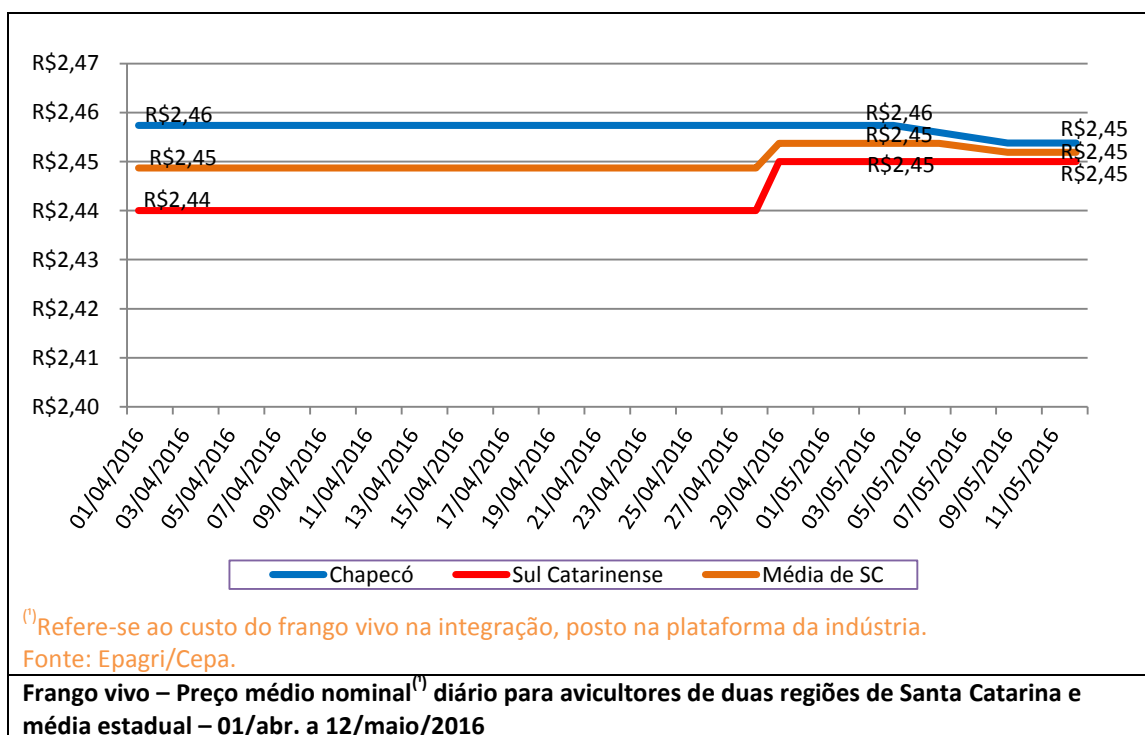
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

No decorrer de todo o mês de abril o preço do frango vivo manteve-se estável nas duas principais praças onde se realiza o acompanhamento de mercado e na média estadual, conforme é possível visualizar no gráfico abaixo. No final de abril e início de maio observou-se uma pequena variação positiva no Sul Catarinense, com um incremento de R\$0,01 por quilo. Já em Chapecó observa-se uma leve queda no início de maio, de aproximadamente 0,15%.

Com tais variações, o preço médio do frango vivo em Santa Catarina em meados de maio atingiu R\$2,452/kg.



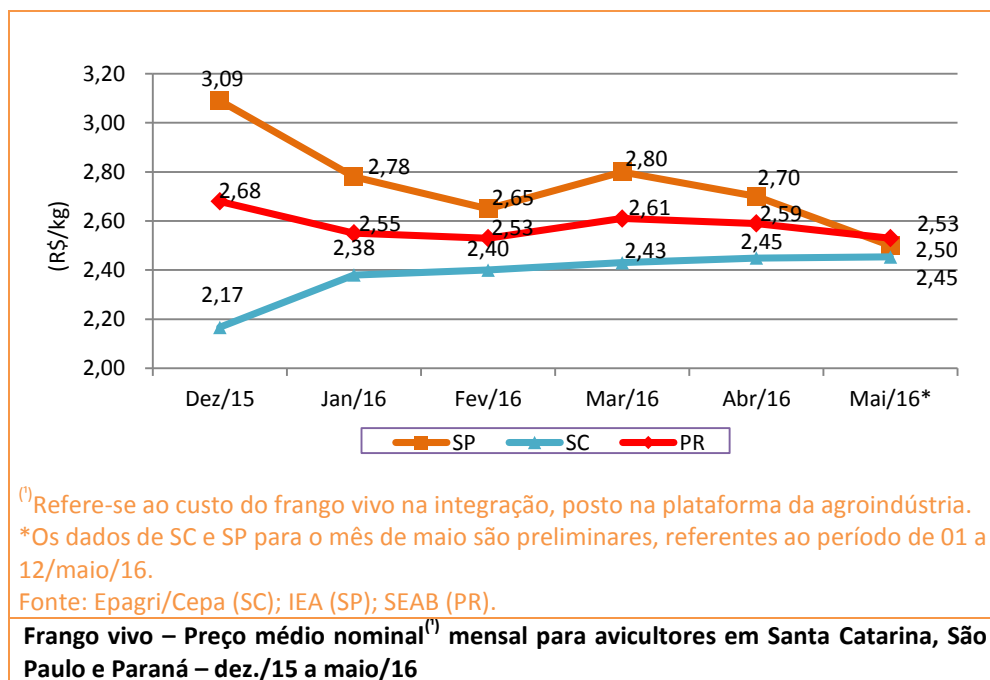
Analisando o comportamento dos preços pagos aos produtores em São Paulo, observa-se no mês de maio a continuidade do movimento de queda já verificado em abril, quando se atingiu o menor patamar dos últimos seis meses. A variação no período abril/maio foi de -7,41%. Aliás, desde janeiro vêm sendo observadas quedas progressivas nos preços em São Paulo, as quais foram interrompidas somente em março. Ao comparar os meses de janeiro e maio, a diferença de preço é de -10,07%. Quando se toma como referência dezembro de 2015 e o corrente mês, a diferença atinge -19,09%. Não obstante as recentes quedas, o preço atual ainda é 15,21% superior ao mesmo período do ano passado.

De forma semelhante, o Paraná registrou uma queda nos preços médios das primeiras semanas de maio em relação a abril. A variação foi de -2,32% e pode ser um indicador de novo movimento de queda, após

pequena recuperação em março. Na comparação entre janeiro e maio, observa-se uma oscilação negativa de 0,78%. Contudo, quando a comparação é com maio de 2015, o valor do mês atual é 18,22% superior ao do ano passado.

Diferentemente dos dois outros estados, em Santa Catarina o preço manteve-se praticamente estável no período abril/maio (oscilação de +0,17%). Na comparação entre a média de janeiro e a média das duas primeiras semanas de maio, observa-se um aumento de 3,08%. Quando a referência é o preço de maio de 2015, o valor pago atualmente é 15,59% superior.

Assim, é possível perceber que, embora os demais estados analisados tenham registrado variações positivas mais significativas nos últimos 12 meses, os valores de Santa Catarina têm se mostrado mais consistentes e estáveis.

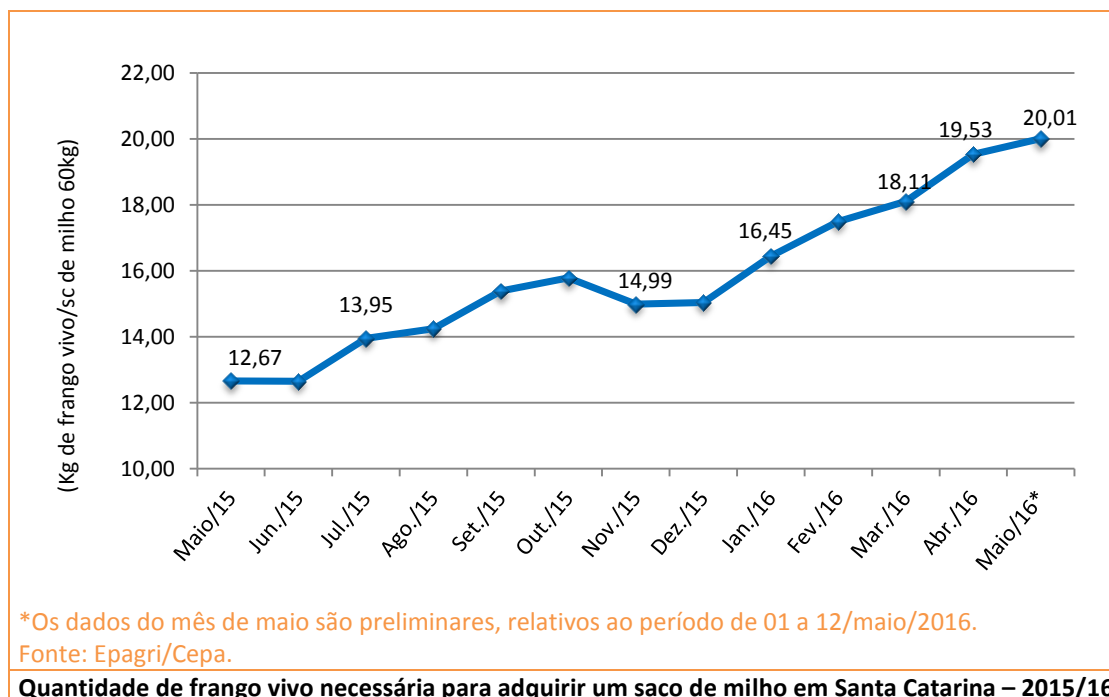


Em relação à equivalência insumo/produto, os preços preliminares de maio demonstram que segue a tendência de elevação que vem sendo registrada desde junho de 2015 (interrompida no período de outubro a dezembro).

Tomando-se por base os preços médios do frango vivo ao produtor (média estadual) e do milho no atacado

(tendo Chapecó como praça de referência) registrados nas primeiras semanas de maio, a relação de equivalência ultrapassou o patamar de duas dezenas, atingindo o valor de 20,01kg de frango vivo/saco de milho. Ressalta-se que os preços adotados como referência para o presente mês são preliminares, podendo sofrer alterações no decorrer da segunda quinzena.

Ao comparar os valores atuais ao mesmo período do ano passado, a variação observada é de 57,98%. Considerando-se somente o ano de 2016, a equivalência insumo/produto registra um aumento acumulado de 29,56%. Em relação a abril, os dados preliminares de maio representam um aumento de 2,42% decorrente da elevação do preço do milho no período em questão.



No cenário nacional, embora alguns especialistas relatassem a perspectiva de que o preço do milho começaria a recuar ainda no mês de março, até o momento isso não tem sido observado e o grão mantém a tendência de alta, mas com uma aparente diminuição no ritmo. Mais uma vez, a expectativa é de que os preços caiam com a colheita da 2ª safra (safrinha). Porém, há possibilidade de que a queda seja comedida, uma vez que as exportações continuam bastante significativas e pode haver uma redução no resultado da safrinha em relação às previsões iniciais decorrente de problemas climáticos, em especial na região Centro-Oeste.

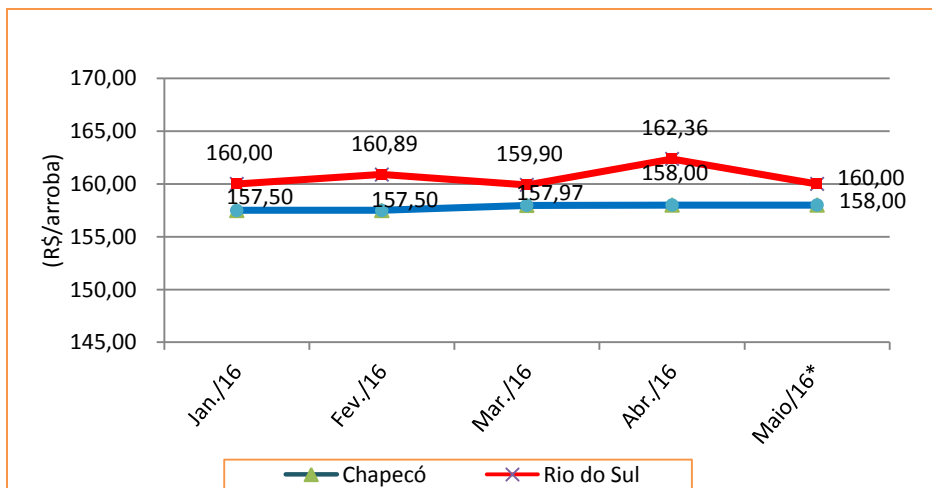
Apesar do custo de produção elevado (ainda em movimento de ascensão), o mercado não tem mostrado sinais de reação em relação aos preços pagos ao produtor. A demanda doméstica de carne de frango continua enfraquecida, principalmente em decorrência das dificuldades enfrentadas pela economia brasileira, não obstante a melhoria que já se observa em alguns indicadores.

As exportações continuam sendo um elemento importante para evitar um cenário ainda mais difícil. Dados preliminares apontam que no mês de abril foram exportadas 421 mil toneladas de carne de frango (*in natura*, salgados, embutidos e processados). Esse volume é o segundo maior já exportado pelo País e representa uma alta de 15% em relação ao mesmo mês de 2015.

Em relação à Santa Catarina, no período de janeiro a março foram exportadas 251 mil toneladas, com pico de 91 mil em março. Esse montante representa um aumento de 10,26% em relação ao mesmo período de 2015. Contudo, em termos de recursos, o valor exportado nos três primeiros meses deste ano foi 12,17% inferior ao primeiro trimestre do ano passado, principalmente pela menor valorização do dólar frente ao real na comparação entre os dois períodos.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br



Nos primeiros meses de 2016 têm se observado poucas oscilações no preço pago ao produtor pelo boi gordo em todas as regiões de Santa Catarina monitoradas pela Epagri/Cepa. Conforme já havia sido comentado no Boletim Agropecuário anterior, tal tendência acompanha o cenário nacional, que também tem apresentado poucas variações significativas. O gráfico ao lado apresenta os preços médios mensais das duas praças catarinenses de referência para esse produto.

⁽¹⁾ Para pagamento em 20 dias.

^(*) Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 01 a 12/maio/2016.

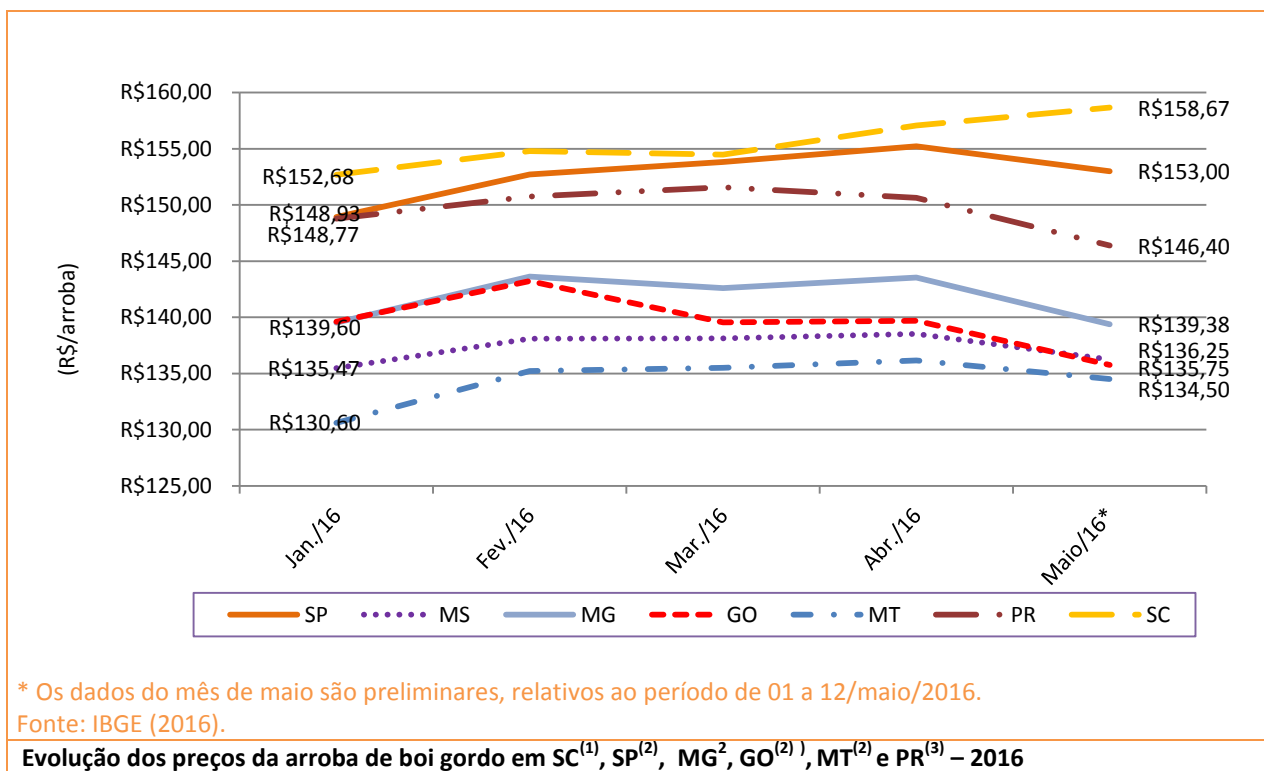
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016.

Em Rio do Sul, o preço médio das primeiras semanas de maio é o mesmo de janeiro do corrente ano. Em Chapecó, há uma variação de apenas R\$0,50 por arroba. Nesse período observam-se algumas pequenas oscilações, em sua maioria positivas, mas nenhuma muito significativa. Quando a comparação é entre maio de 2016 e o mesmo mês de 2015, verificam-se variações de 5,3% e 4,6% para Chapecó e Rio do Sul, respectivamente.

Diferentemente do que se observou em abril, quando praticamente todos os principais estados produtores registraram elevação nos preços do boi gordo em relação a março, os dados preliminares de maio demonstram que na maioria deles ocorreu oscilação negativa na comparação com o mês anterior, conforme demonstra o gráfico seguinte.

A maior variação ocorreu em Minas Gerais (-2,89%), seguido de perto por Goiás (-2,82%) e Paraná (-2,81%). Outros estados que também registraram quedas, mas com valores um pouco menores, são Mato Grosso do Sul (-1,64%), São Paulo (-1,42%) e Mato Grosso (-1,22%). Dos sete estados analisados neste boletim, o único em que se observou variação positiva foi Santa Catarina (+1,02%).



A redução na demanda, decorrente do fraco consumo doméstico, é um dos principais fatores responsáveis pela oscilação negativa nos preços da maioria dos estados. Conforme já havia sido apontado no Boletim Agropecuário do mês de abril/2016, o desaquecimento da economia começa a ter reflexos sobre o consumo de todas as proteínas de origem animal, em especial a carne bovina.

Também contribui para a situação anteriormente relatada a redução da capacidade de suporte das pastagens em diversos estados, o que, aliado à falta de perspectiva de reversão da baixa demanda no curto e médio prazo, desestimula muitos pecuaristas a reterem os animais no pasto a espera de preços mais atraentes. Com isso, a oferta de animais aumentou e os preços caíram.

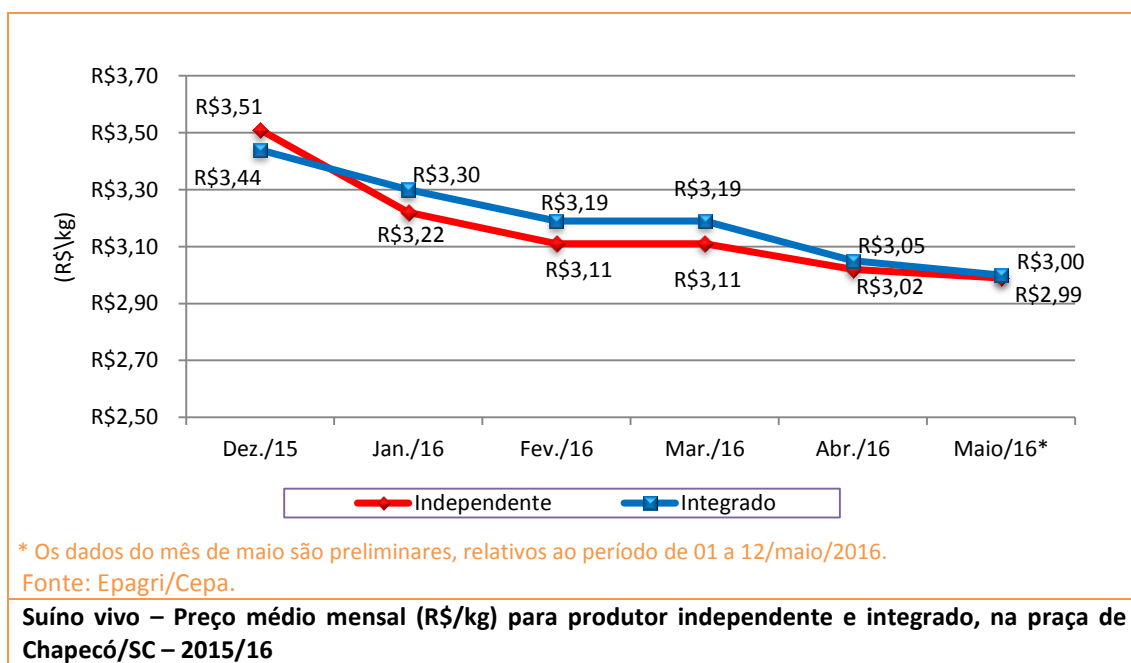
Mesmo as exportações, que vinham apresentando números bastante significativos e contribuíam para a manutenção dos preços do boi gordo em alta, tiveram uma diminuição no seu ritmo em abril. Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Secex/MDIC), em abril foram exportadas 86,6 mil toneladas de carne bovina. Esse volume é 3,9% superior ao registrado no mesmo período de 2015, mas cerca de 22% abaixo do montante exportado em março de 2016.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Durante o mês de abril e nas duas primeiras semanas de maio, o preço do suíno vivo manteve a tendência de queda registrada nos meses anteriores em Santa Catarina, processo que havia sido brevemente interrompido no período de fevereiro a março. Em relação à média de abril, os preços preliminares de maio sofreram uma oscilação de -0,99% e -1,64% para o produtor independente e o integrado, respectivamente. Na comparação com maio de 2015, os preços médios deste mês sofreram variação de -6,56% para o produtor independente e -3,54% para o integrado.

É interessante ressaltar que, embora os dados registrem oscilação entre as médias mensais de abril e maio, os preços estão estáveis desde 11 de abril, tendo as variações ocorrido antes dessa data.



O quadro a seguir compara os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores, no período de janeiro a maio deste ano. Mais uma vez, seguindo a tendência dos meses anteriores, em todos os estados analisados foram registradas quedas de preço.

Na média, a variação foi de -4,22%, na comparação entre abril e os valores preliminares de maio. A queda mais acentuada ocorreu no Paraná, com -6,6%, seguido por Minas Gerais, com -5,7%. Santa Catarina registrou a menor variação média, com -1,3%.

Quando se analisam os dados de janeiro e maio para os cinco estados, é possível perceber uma queda média bastante significativa de 18,92%. O estado com pior resultado foi Minas Gerais (-24,0%), seguido de perto por São Paulo (-23,6%) e Paraná (-22,7%). Santa Catarina, mais uma vez, registrou as menores quedas de preços no período em questão (-8,0%).

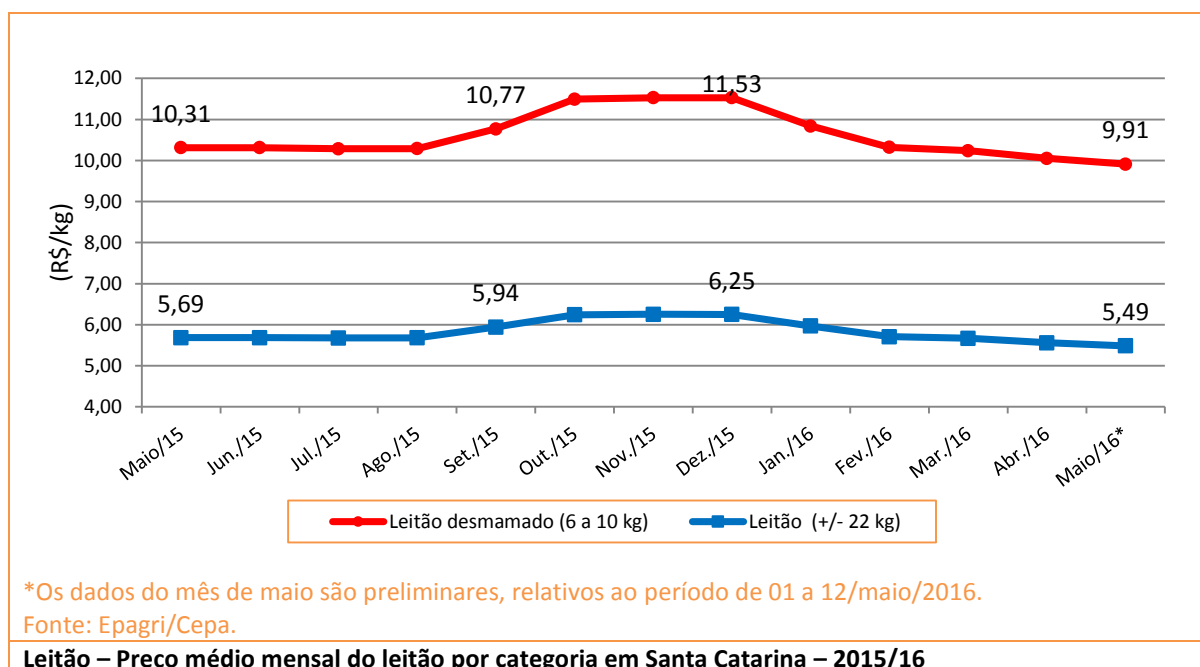
Suíno vivo – Variação do preço pago nos principais estados produtores – 2016

Estado	(R\$/kg)					Variação abr./maio (%)	Variação jan./maio (%)
	Jan./2016	Fev./2016	Mar./2016	Abr./2016	Maio/2016 ⁽¹⁾		
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,17	-5,7	-24,0
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,57	-6,6	-22,7
Rio Grande do Sul	3,27	2,92	2,96	2,81	2,74	-2,6	-16,2
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	-1,3	-8,0
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	2,95	-5,0	-23,6

⁽¹⁾ Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 01 a 12 de maio/2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP); Epagri/Cepa (SC).



*Os dados do mês de maio são preliminares, relativos ao período de 01 a 12/maio/2016.

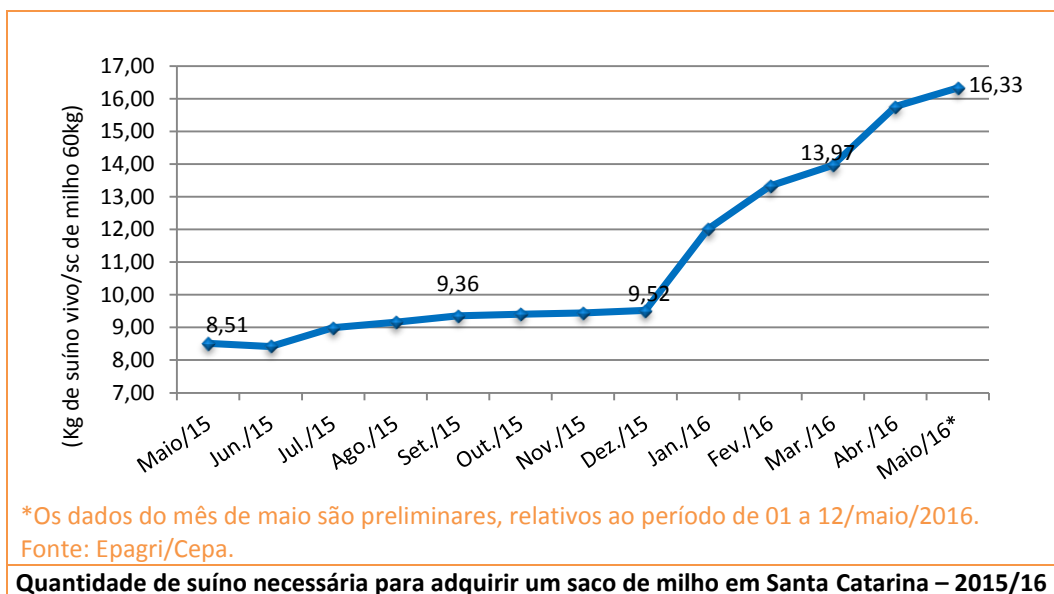
Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2015/16

Mais uma vez percebe-se a continuidade do movimento de queda no preço dos leitões, para ambas as categorias, observado desde janeiro do corrente ano. Este mês a variação foi um pouco mais significativa que aquela registrada em abril, atingindo -1,38% e -1,30% para os leitões de 6-10 kg e de +/-22 kg, respectivamente.

Na comparação com os preços praticados em maio de 2015, os valores preliminares deste mês sofreram queda de 3,98% para os leitões de 6-10 kg e de 3,50% para os leitões de +/-22 kg. Já em relação a janeiro, os valores de maio representam quedas de 8,57% e 8,08%, respectivamente.

A equivalência insumo/produto mais uma vez registrou elevação no índice, tendência que vem se repetindo de forma ininterrupta desde meados de 2015. O principal fator que tem contribuído para isso é o significativo aumento no preço do milho desde o segundo semestre do ano passado. Além disso, também tem contribuído nesse processo a queda no preço do suíno vivo.



Tomando-se como referência os preços médios preliminares do suíno vivo pago ao produtor e do milho no atacado, registrados nas primeiras semanas de maio na praça de Chapecó, a relação de equivalência atingiu o valor de 16,33kg de suíno vivo/saco de milho. Quando se compara o índice atual àquele registrado em maio do ano passado, a variação observada é de 91,92%. Em relação ao mês de janeiro do corrente ano, o indicador de maio é 36,01% superior.

Apesar da perspectiva de que o preço do milho sofreria recuos a partir do mês de março, o cenário atual tem sido distinto e o grão mantém o movimento de alta, embora num ritmo um pouco mais lento. A expectativa inicial de recuo nos preços por ocasião da colheita da 2ª safra pode também não se concretizar (ou a redução pode ficar aquém do esperado). Projeções mais atuais apontam para a possibilidade de um resultado da safrinha inferior às previsões iniciais em decorrência de problemas climáticos, em especial na Região Centro-Oeste, o que, somado à demanda interna elevada e à manutenção de um ritmo de exportações superior aos anos anteriores, tende a reduzir a pressão de queda.

Por outro lado, a demanda doméstica de carne suína continua enfraquecida, principalmente em função das dificuldades enfrentadas pela economia brasileira, não obstante a melhoria de alguns indicadores.

Quando se analisa o mercado externo, por sua vez, as perspectivas são mais positivas e as exportações de carne seguem em alta, o que ajuda a evitar um cenário ainda mais difícil no mercado interno. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Secex/MDIC), as exportações da carne suína *in natura* no mês de abril chegaram a 52,9 mil toneladas, o que representa um aumento de 47,1% em comparação a abril de 2015.

Destaca-se nesse período a abertura do mercado de Porto Rico para a carne suína brasileira. Embora não seja um grande consumidor, Porto Rico tem uma legislação bastante rígida, podendo tal medida servir de referência para outros países.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Índice de Captação de Leite Brasil - 2014- 16

Mês	2014	2015	2016	2015-16 (Var. %)
Janeiro	169,99	188,34	185,67	-1,4
Fevereiro	165,31	189,51	177,17	-6,5
Março	158,95	176,97	164,15	-7,2
Abril	155,36	171,85		
Maio	155,29	172,59		
Junho	161,97	179,98		
Julho	168,12	182,98		
Agosto	177,21	191,43		
Setembro	182,88	197,68		
Outubro	182,14	195,97		
Novembro	193,85	196,78		
Dezembro	195,14	194,29		

Base 100 = junho/2004.

Fonte: CEPEA.

O IBGE ainda não divulgou nenhum número relativo ao recebimento de leite pelas indústrias inspecionadas em 2016. Brevemente deverá divulgar os dados do primeiro trimestre, quando se poderá ter uma ideia de como está o comportamento da produção brasileira.

A julgar pelo Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea¹), a produção brasileira deste ano está sendo menor que a de 2015. Nos três primeiros meses de 2016 o ICAP-L/Cepea foi menor que o do mesmo mês do ano anterior, sendo que em fevereiro e março a queda foi bem significativa e o ICAP-L/Cepea de março é o mais baixo desde julho de 2014.

Objetivamente, esses índices significam que no primeiro trimestre de 2016 houve um decréscimo de 5% em relação ao primeiro trimestre de 2015 no volume de leite captado pelas indústrias pesquisadas nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina, estados esses que, segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, representaram 85,2% da quantidade de leite adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas em 2015.

Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2013-2015

Estado	(Milhões de litros)		
	2013	2014	2015 ⁽¹⁾
Minas Gerais	6.171,00	6.589,50	6.439,60
Rio Grande do Sul	3.460,00	3.430,70	3.488,30
Paraná	2.818,30	2.972,10	2.831,20
São Paulo	2.531,50	2.524,80	2.607,20
Goiás	2.445,90	2.685,10	2.449,50
Santa Catarina	2.117,70	2.339,70	2.348,40
Bahia	326,50	363,60	332,50
Total dos 7 estados	19.870,90	20.905,60	20.496,70
Partic. dos 7 estados (%)	84,40	84,50	85,20
Brasil	23.552,80	24.747,00	24.049,80

⁽¹⁾ Os dados relativos a 2015 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

¹ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação.

Ou seja, pressupondo que o ICAP-L/Cepea refletiu o que está se passando com a produção de leite desses sete estados, estaríamos num momento de grande redução de oferta de leite, o que poderia ter se intensificado no mês de abril, tradicionalmente o mês de menor patamar na quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas.

BR - Distribuição mensal do leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2013-15

Mês	(%)		
	2013	2014	2015 ⁽¹⁾
Janeiro	8,69	9,01	9,18
Fevereiro	7,57	7,77	7,90
Março	7,86	8,23	8,43
Abril	7,46	7,72	7,70
Mai	7,50	7,87	7,84
Junho	7,70	7,83	7,93
Julho	8,40	8,15	8,25
Agosto	8,51	8,58	8,39
Setembro	8,53	8,43	8,27
Outubro	9,09	8,56	8,61
Novembro	9,22	8,70	8,58
Dezembro	9,47	9,14	8,92
Total	100	100	100

⁽¹⁾Os dados relativos a 2015 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

No caso de Santa Catarina, tomando por base os levantamentos regionais da Epagri/Cepa, houve um decréscimo de cerca de 9% na quantidade de leite recebida pelas indústrias de janeiro/16 para março/16. Entretanto, a queda dos três primeiros meses do ano em relação ao mesmo período de 2015 é de 1,4%, bem menor que os 5% apontados pelo Índice de Captação de Leite Brasil. Os dados parciais da Epagri/Cepa indicam expressiva queda também de março/16 para abril/16, o que não é surpresa, já que, segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, também em Santa Catarina abril é tradicionalmente o mês de menor patamar na quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas.

SC - Distribuição mensal do leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2013-15

Mês	(%)		
	2013	2014	2015 ⁽¹⁾
Janeiro	8,91	8,09	9,04
Fevereiro	7,65	6,98	7,42
Março	7,66	7,09	7,75
Abril	6,94	6,64	7,19
Mai	7,17	7,29	7,70
Junho	7,41	7,67	8,16
Julho	8,64	8,43	8,44
Agosto	9,25	9,86	9,14
Setembro	9,32	9,77	9,14
Outubro	9,20	9,71	8,83
Novembro	8,86	9,09	8,53
Dezembro	8,98	9,38	8,65
Total	100	100	100

⁽¹⁾Os dados relativos a 2015 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Esse quadro de redução de oferta interna continuou a se refletir nos preços aos produtores catarinenses. Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa o preço médio desse mês de maio (que remunera o leite entregue em abril) foi R\$0,04 superior ao do mês de abril e de janeiro a maio desse ano os preços estiveram sempre em patamares bem superiores aos dos mesmos meses de 2015, situação bem diferente da observada de 2014 para 2015.

Leite - Preço médio mais comum aos produtores, no período de pagamento - SC - 2013-15

Mês	R\$/litro posto na propriedade				Var. %	
	2013	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,75	0,85	0,75	0,91	-12,0	21,4
Fevereiro	0,75	0,83	0,73	0,95	-12,7	30,8
Março	0,75	0,85	0,76	1,02	-10,2	33,9
Abril	0,78	0,91	0,80	1,07	-12,1	34,3
Maio	0,81	0,94	0,87	1,11	-7,2	26,8
Média janeiro/maio	0,77	0,88	0,78	1,01	-10,8	29,4
Junho	0,83	0,93	0,89		-4,3	
Julho	0,88	0,93	0,91		-1,9	
Agosto	0,91	0,93	0,93		-0,2	
Setembro	0,94	0,90	0,92		2,9	
Outubro	0,94	0,84	0,90		6,9	
Novembro	0,94	0,81	0,87		8,2	
Dezembro	0,88	0,77	0,89		15,9	
Média anual	0,85	0,87	0,85		-2,5	

A próxima reunião do Conseleite/SC, que deve ocorrer no dia 19/05, será uma oportunidade para ver se a tendência altista de preços permanece, mas o mais provável é que no mínimo as variações não sejam tão significativas quanto as dos meses recentes.